



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Caracterização de Perfis do Envolvimento do Pai em Famílias Nucleares: variáveis sociodemográficas, Práticas Parentais e Coparentalidade

Vera Mónica Oliveira Silva

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co - orientadora:

Doutora Madalena Ramos, Professora Catedrática
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das organizações

Caracterização de Perfis do Envolvimento do Pai em Famílias Nucleares: Variáveis sociodemográficas, Práticas Parentais e Coparentalidade

Vera Mónica Oliveira Silva

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Lúcia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co - orientadora:

Doutora Madalena Ramos, Professora Catedrática
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024

Agradecimentos

O meu profundo agradecimento à Prof^a Lúgia Monteiro pela orientação e dedicação constante, como pela sensibilidade nos momentos mais difíceis ao longo deste percurso de dissertação.

Agradeço, igualmente, à Prof^a Madalena Ramos pela disponibilidade e sensibilidade para me ajudar nesta reta final da minha dissertação.

Um especial obrigada a todos os pais que tiraram um pouco do seu tempo para participaram neste estudo e tornarem possível a realização da minha dissertação e um obrigada a todas as(os) Educadoras(es) por me ajudarem na recolha dos instrumentos.

Um abraço apertado às colegas de curso Cláudia, Beatriz e Catarina, que foram amparo e força para mim.

Às amigas irmãs, Ana, Adriana, Liliana e Sara pela loucura de passados vinte anos, voltarmos à vida académica, com família e trabalho às costas e por me darem a saber que a amizade não é terapia, mas é terapêutico e que pode perdurar por toda a nossa vida.

Mãe e mana, obrigada por me darem sempre todo o apoio incondicional e acreditarem sempre que eu seria capaz.

Ao Henrique, o meu maior apoio, companheiro, amigo e marido, obrigada pela constante compreensão e confiança em mim.

À minha filha, Maria, obrigada por seres a luz, a sensibilidade e compreensão neste caminho que a mãe decidiu fazer.

Resumo

O presente trabalho procura contribuir para uma melhor compreensão do papel do pai, visando indentificar perfis de envolvimento, em comparação à mãe, em diversas atividades quotidianas relacionadas com a criança. Ademais, visa explorar as diferenças entre os perfis obtidos considerando variáveis como as habilitações literárias, as horas de trabalho dos progenitores, as práticas educativas, a coparentalidade, e as características da criança (sexo e idade). Participaram 136 famílias nucleares, com crianças em idade pré-escolar. A análise de agrupamento revelou dois perfis de envolvimento, considerado cinco dimensões – Cuidados Diretos, Cuidados Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior: Perfil 1 (n = 50) – Pai auxiliar nos cuidados e parceiro de brincadeira e lazer; Perfil 2 (n = 86) – Pai cuidador e parceiro de brincadeira e lazer. Os pais do Perfil 2 apresenta valores mais elevados, do que o Perfil 1, em todas as dimensões do envolvimento. A comparação entre os perfis, revelou diferenças nas habilitações literárias, nas horas de trabalho da mãe, nas práticas educativas parentais de cuidado e no suporte coparental, com o Perfil 2 a exibir valores mais elevados. Os resultados sublinham a relevância de compreender as características associadas a um maior envolvimento paterno em diversos domínios, o que pode fomentar um envolvimento ativo e positivo do pai com repercussões para o bem-estar do indivíduo, da família e da criança.

Palavras-Chave: Envolvimento paterno; características sociodemográficas, práticas educativas parentais; coparentalidade

Categorias e códigos da classificação PsycINFO:

2800 Psicologia do Desenvolvimento

2956 Educação Infantil e Cuidados Infantis

Abstract

This study aims to contribute to a better understanding of the father's role, focusing on identifying profiles of involvement, in comparison to the mother, in various daily activities related to the child. Furthermore, it seeks to explore differences between the identified profiles by considering variables such as parental educational attainment, working hours, parenting practices, coparenting and child characteristics (gender and age). A total of 136 nuclear families with preschool-aged children participated in the study. Cluster analysis revealed two profiles of involvement, considering five dimensions – Direct Care, Indirect Care, Teaching/Discipline, Play and Outdoor Leisure: Profile 1 (n=50) – Father as a helper in caregiving and a partner in play and leisure; Profile 2 (n=86) – Father as a caregiver and a partner in play and leisure. Fathers in Profile 2 showed higher scores than those in Profile 1 across all involvement dimensions. Comparisons between profiles revealed differences in educational attainment, maternal working hours, caregiving parenting practices and coparental support, with Profile 2 displaying higher values. The findings underscore the importance of understanding the characteristics associated with greater paternal involvement across various domains, which can foster active and positive father involvement with implications for the well-being of the individual, family and child.

Keywords: Father involvement; sociodemographic characteristics; parenting practices; coparenting

PsycINFO Classification Categories and Codes:

2800 Developmental Psychology

2956 Childrearing & Child Care

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1 – Revisão da Literatura	3
1.1. Envolvimento do pai.....	5
1.2. Estilos e Práticas Parentais.....	5
1.3. Coparentalidade.....	6
1.3.1. Modelo da estrutura e contexto ecológico da coparentalidade de Feinberg.....	7
1.4. Relações entre o Envolvimento do pai, Práticas Parentais, e Coparentalidade.....	8
1.5. Variáveis sociodemográficas.....	10
1.6. Objetivo do estudo.....	11
CAPÍTULO 2 – Método	13
2.1. Participantes.....	13
2.2. Instrumentos.....	13
2.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	13
2.2.2. Escala de Envolvimento Parental.....	13
2.2.3. Escala de Práticas Educativas Parentais.....	14
2.2.4. Escala da Relação Coparental.....	15
2.3. Procedimento.....	15
2.4. Estratégia Analítica.....	16
CAPÍTULO 3 – Resultados	17
3.1. Análise Descritiva.....	17
3.2. Correlações entre o Envolvimento do Pai, Práticas Parentais, Parentalidade e Sociodemográficos	18
3.3. Perfis de Envolvimento Paterno.....	21
CAPÍTULO 4 - Discussão	25
4.1. Limitações e Contribuições para Estudos Futuros.....	27
Referências Bibliográficas	29

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1. Expanded Heuristic Model of the Dynamics of Paternal Behavior and Influence on Children Over Time.....	4
Tabela 1. Valores mínimos e máximos, médias e desvios padrão do envolvimento paterno, práticas educativas parentais e coparentalidade.....	17
Tabela 2. Correlações entre as variáveis sociodemográficas, as dimensões do envolvimento paterno, das práticas educativas e da coparentalidade.....	20
Tabela 3. Caracterização dos perfis de envolvimento paterno nas atividades de cuidado, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior.....	22
Tabela 4. Caracterização dos perfis de envolvimento paterno com base nos sociodemográficas, nas práticas educativas parentais e na relação coparental.....	23

Introdução

Referências clássicas e recentes destacam a relevância da parentalidade para o desenvolvimento e bem-estar da criança, evidenciando a importância deste tema no campo científico (e.g., Baumrind, 1967, 1971; Cabrera et al., 2018; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Roskam & Meunier, 2009). As investigações focaram-se predominantemente no papel da mãe, sublinhando a sua influência essencial no processo do desenvolvimento infantil (Cabrera et al., 2000; Dette-Hagenmeyer et al., 2014). Contudo, nas últimas décadas, tem-se atribuído maior relevância ao papel paterno, reconhecendo-se que a função do pai vai além do suporte financeiro e do papel de disciplinador tradicional. Atualmente, o pai é visto como desempenhando múltiplos papéis significativos, cuja relevância deverá ser analisada numa perspetiva ecológica (e.g., Cabrera et al., 2014, 2018). Com mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, surgiram novas expectativas em relação aos papéis parentais, particularmente no que diz respeito ao pai, que tem assumido um perfil mais afetivo e envolvido no quotidiano dos filhos (Aboim et al., 2010; Wall et al., 2016).

Com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho e o aumento de famílias em que ambos os pais trabalham a tempo inteiro, as expectativas em relação aos papéis parentais têm evoluído. O pai contemporâneo desempenha um papel multifacetado que vai além do provedor financeiro, envolvendo-se em tarefas de cuidado, socialização e educação (Wall et al., 2016). Esta transição reflete-se numa abordagem mais afetiva e presente no quotidiano da criança, o que tem implicações significativas para o seu bem-estar e desenvolvimento (Cabrera et al., 2018). Estudos longitudinais indicam que o envolvimento paterno está positivamente correlacionado com melhores resultados em competências sociais e académicas das crianças, reforçando a necessidade de compreender as diferentes formas de participação dos pais (Lamb, 2010; McMunn et al., 2017).

O envolvimento do pai pode ser analisado em várias dimensões, incluindo o cuidado direto (como alimentação e higiene), as atividades lúdicas, o ensino/disciplina, e as responsabilidades de gestão familiar (Cabrera et al., 2014). Embora estas dimensões sejam influenciadas por múltiplos fatores, como as características sociodemográficas dos pais, as práticas parentais e a coparentalidade (Diniz et al., 2021), os estudos têm frequentemente adotado uma abordagem "centrada nas variáveis", que oferece uma visão global da amostra, ignorando a heterogeneidade dos comportamentos paternos (Pleck, 2010).

Neste estudo, propomos uma abordagem "centrada na pessoa", que permite identificar diferentes subgrupos de pais com base nos seus padrões de envolvimento. Esta abordagem oferece maior especificidade, permitindo captar nuances individuais que podem passar despercebidas em análises globais (Howard & Hoffman, 2018). O objetivo central deste trabalho é identificar perfis de envolvimento paterno em diversas atividades relacionadas com cuidados e socialização, analisando, também, como esses perfis são influenciados por variáveis como as habilitações literárias, as práticas educativas e as horas de trabalho do pai, bem como as habilitações e a ocupação da mãe, o sexo e a idade da criança, e a qualidade da relação coparental (Cabrera et al., 2014; Diniz et al., 2021).

Adotando uma perspectiva ecológica, este estudo pretende avançar no conhecimento sobre os fatores que moldam o envolvimento do pai e contribuir para o desenvolvimento de políticas que promovam uma maior equidade na distribuição das responsabilidades parentais, com potenciais benefícios para o bem-estar das crianças e para a estabilidade familiar (Cabrera et al., 2018; Wall et al., 2016).

CAPÍTULO 1

Revisão de Literatura

1.1. Envolvimento do pai

Lamb e colaboradores (1985, 1987), consideram que o envolvimento paterno é composto por três dimensões importantes: i) o *engagement*, a participação do pai em tarefas partilhadas com a criança que envolvem interação direta (alimentar a criança ou brincar); ii) a acessibilidade, a presença, a prontidão dos pais para responder à criança, que pode não envolver interação (apenas monitorizar enquanto se relaciona ou brinca sozinha); iii) e a responsabilidade pelo bem-estar da criança através do planeamento e organização de atividades que atendam às necessidades de cuidado mas que não impliquem interação direta com a criança.

Parke (2000) refere que o papel do pai é multifacetado, sendo importante considerar que o envolvimento do pai pode depender do contexto ou tipo de atividades em que ocorre, diferenciando os seguintes contextos: brincadeira e lazer, cuidado direto (atividades interativas que garantem que as necessidades básicas da criança sejam atendidas), cuidado indireto (atividades de planeamento e organização que não exigem interação direta) e ensino (ensino de regras e competências).

Pleck (2010) salienta que é fundamental o foco na importância da qualidade das interações, na qual deve ser tido em conta a envolvimento do pai e criança ao nível das rotinas e vivências com a criança. Para além disso, o tempo, a frequência e o tipo de tarefas a realizar (cuidados, brincadeira ou de ensino). O modelo de Pleck (2010), apresenta cinco elementos chave de envolvimento: (a) envolvimento positivo em atividades, por exemplo, jogar/ler livros/praticar desporto juntos; (b) calor-responsividade, por exemplo, abraçar, mostrar afeição, dizer à criança que ela aprecia algo que ela fez; (c) controlo, por exemplo, estabelecer limites, disciplinar; (d) cuidado indireto, por exemplo, selecionar cuidados infantis, comprar e organizar bens e serviços para a criança; e (e) responsabilidade pelo processo, por exemplo, monitorizando as quatro atividades acima, independentemente do seu envolvimento individual nelas.

Lamb e Lewis (2010) sublinham a evolução das interações entre pais e filhos ao longo das últimas décadas, destacando a relevância do papel dos pais no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. As interações parentais são complexas e diversificadas, abrangendo desde brincadeiras físicas, que estimulam o desenvolvimento motor e social, até

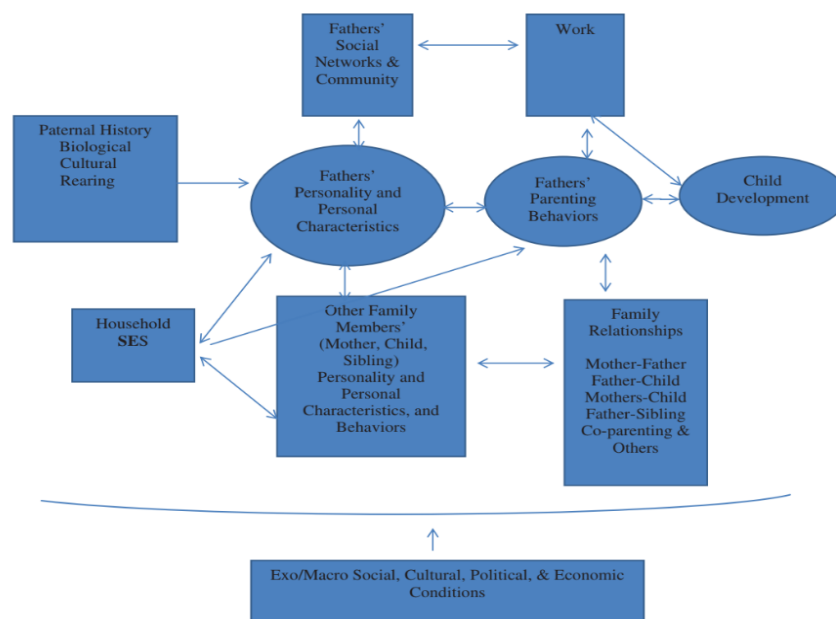
formas mais subtis de comunicação verbal e apoio emocional, fundamentais para a construção de uma base segura para a criança (Lam & Lewis, 2010).

Contrariamente à visão tradicional que relegava os pais para um papel secundário nos cuidados e reservava à mãe a responsabilidade principal, bem como a noção de que os pais apenas desempenhavam a função de provedores económicos, a investigação atual enfatiza uma realidade mais ampla e heterogênea (Cabrera et al., 2018). De acordo com o mesmo autor, a implicação paterna vai além da simples provisão material, abrangendo um envolvimento ativo e emocional que é essencial para o bem-estar integral dos filhos. Estes estudos, refletem um panorama onde a coparentalidade e a partilha de responsabilidades entre os pais são fundamentais, desafiando os estereótipos e espelhando a diversidade das experiências familiares contemporâneas (Cabrera et al., 2018).

De modo a ter uma visão mais complexa das diferentes variáveis que impactam as relações pais-filhos e de que modo influenciam o desenvolvimento infantil, , Cabrera e colaboradores (2014) apresentam um modelo heurístico e ecológico paternal representado na Figura 1.

Figura 1

Expanded Heuristic Model of the Dynamics of Paternal Behavior and a Influence on Children Over Time (Cabrera et al., 2014)



Cabrera e colaboradores (2014), propuseram então um modelo dinâmico na qual consideram diversas variáveis do pai (e.g., idade, habilitações literárias, situação profissional, crenças parentais), filho (e.g., idade, temperamento), família (idade, situação profissional,

habilitações literárias da mãe, relação coparental) e contexto social (fatores contextuais, culturais, políticos, económicos) e de que forma influenciam ou predizem o envolvimento direto e indireto do pai, através da interação com os diferentes contextos.

Este modelo heurístico proposto por Cabrera e colaboradores (2014), que será o modelo central do presente estudo, vem acrescentar as complexas relações transacionais e recíprocas entre o envolvimento paterno e as características do pai da criança e família e os fatores contextuais, na qual este modelo assume que estas variáveis influenciam ou prevêm o envolvimento do pai de forma direta e indiretamente, esperando-se que estas influências e interações possam mudar do desenvolvimento do adulto, da criança e do próprio sistema familiar, ao longo da vida.

Monteiro e colaboradores (2010) analisaram a participação e a divisão de responsabilidades parentais em tarefas relacionadas com os cuidados diretos e indiretos da criança, bem como nas atividades de socialização, em famílias nucleares portuguesas.. Os resultados indicaram que de forma semelhante a outros estudos (e.g., Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010), as mães continuam a desempenhar o papel principal nos cuidados prestados às crianças. No entanto, verificou-se uma maior partilha nas atividades de socialização, refletindo um progresso na distribuição de responsabilidades parentais (e.g., Monteiro et al., 2010). Investigando os fatores que influenciam o envolvimento paterno, Monteiro e colaboradores (2019) observaram que os pais com crenças mais modernas sobre a parentalidade, apresentavam uma participação mais ativa nos cuidados diretos à criança, nas atividades de ensino/disciplina, e na brincadeira. Em contraste, pais com crenças mais tradicionais mantinham-se focados no seu papel de sustentação económica da família, o que limitava a sua participação em cuidados diários. Contudo, investigações complementares evidenciam que, mesmo entre os pais menos envolvidos nos cuidados diretos e na gestão familiar, existe uma participação relevante em brincadeiras, em práticas de ensino/disciplina e em atividades de lazer ao ar livre (e.g., Monteiro et al., 2010; Torres et al., 2014; Torres et al., 2012 citado em Monteiro et al., 2017).

Este panorama destaca a diversidade nos perfis de envolvimento paterno, sugerindo que, apesar da persistência de papéis parentais tradicionais em alguns contextos, os pais assumem cada vez mais um papel ativo em diferentes dimensões do desenvolvimento infantil.

1.2. Estilos e práticas parentais

De modo geral, o conceito de estilos parentais por Baumrind (1966) é definido na literatura como um conjunto de atitudes para com a criança, criando um clima emocional na qual a

socialização ocorre (Baumrind, 1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993). Baumrind (1991 citada em Gaspar & Matos, 2016) distinguiu os estilos dos pais em: autoritário (alto controle e menos aceitação), autoritativo (alto controle e alta aceitação) e permissivo (controle baixo e alta aceitação). Mais tarde foi, também, incluído o estilo negligente (baixo controle e baixa aceitação).

Na definição dos estilos parentais, Maccoby e Martin (1983, citado em Soares & Almeida, 2011) consideram, também, que podemos distingui-los em dimensões de monitorização/exigência e aceitação/responsabilidade. A primeira está relacionada com o controlo que é exercido pelos pais relativamente ao cumprimento das regras sociais e das normas morais, ou seja, no sentido de perceber os contextos que frequentam e os tipos de comportamentos dos filhos (Ducharme et al., 2006). A segunda remete para o domínio afetivo-emocional que diz respeito à sensibilidade dos pais em relação às necessidades e interesses dos filhos, incluindo, também, o suporte emocional e os comportamentos de afeto positivo (Soares & Almeida, 2011).

Os estilos parentais, tendem a diferir nas práticas dos pais para educar e disciplinar os filhos. As práticas parentais constituem comportamentos parentais específicos usados na interação pais-filhos, podendo ser definidas enquanto estratégias específicas e os estilos parentais como o clima ou atitude global decorrente das interações pai-criança (Darling & Steinberg, 1993).

Em termos de prática parental, os pais autoritativos vão consolidando o controlo comportamental ao longo do crescimento fornecendo cuidado e apoio, ao mesmo tempo que concedem autonomia psicológica. Em contrapartida, os pais autoritários exercerão mais poder de coerção, mantendo distância emocional e aplicando controlo restrito sobre a criança, com menor tolerância às negociações sobre regras. Por sua vez, os pais permissivos, têm como estratégias serem altamente responsivos com baixos níveis de controlo e exigência, permitindo à criança regular o seu próprio comportamento, evitando ao mesmo tempo usar a restrição ou punição como medidas de disciplina (Yaffe, 2020).

Uma das limitações frequentemente apontadas na investigação sobre parentalidade é o foco no estudo das práticas parentais maternas, em detrimento do envolvimento paterno (Pedro & Ribeiro, 2015). A literatura tem evidenciado que, de uma forma geral, as mães adotam práticas parentais mais alinhadas com o estilo autoritativo, que se caracteriza por uma combinação de elevados níveis de suporte emocional e tentativas de controlo, com o objetivo de assegurar o cuidado e a proteção dos filhos (Gomes, 2010). Este estilo parental é associado a um ambiente familiar que promove a segurança e o desenvolvimento harmonioso da criança.

No entanto, estudos sugerem variações nas abordagens maternas. Por exemplo, Roskam & Meunier(2009), indicam que, comparativamente aos pais, as mães tendem a utilizar mais frequentemente recompensas como forma de reforço positivo, o que pode refletir uma abordagem mais permissiva em certas circunstâncias. Esta perspectiva enfatiza a complexidade das práticas parentais, destacando que os papéis maternos podem abarcar tanto rigidez como flexibilidade, dependendo do contexto.

Em famílias biparentais portuguesas, investigações recentes apontam que as mães continuam a desempenhar um papel central, não apenas nos cuidados diários, mas também nas atividades de brincadeira. Fuertes e colaboradores (2016), mostraram que, em comparação com os pais, as mães apresentam uma maior sensibilidade durante as interações com os filhos, um fator crucial para o desenvolvimento emocional e social da criança. Estes resultados sublinham a importância de explorar de forma mais equitativa as práticas parentais de ambos os progenitores, permitindo uma compreensão mais completa das dinâmicas familiares contemporâneas.

1.3. Coparentalidade

Parte das interações no microssistema familiar relativas à criança dão-se no subsistema coparental, o que torna a coparentalidade numa importante variável explicativa do envolvimento do pai com as crianças, assim como dos seus comportamentos (Fagan & Palkovitz, 2011; Park et al., 2024).

A coparentalidade refere-se ao envolvimento conjunto e recíproco de ambas as figuras parentais na educação, formação e nas decisões relativas à vida dos seus filhos (Feinberg, 2003). Em termos conceptuais, a coparentalidade foca-se nas interações entre os pais no cumprimento das suas funções (MacConnell & Kerig, 2002). Segundo, Van Egeren & Hawkins (2004), a relação parental ocorre quando dois adultos, por acordo mútuo ou em conformidade com normas sociais, assumem a responsabilização pelo bem-estar e desenvolvimento de uma criança, permitindo que este conceito se aplique independentemente do estado civil ou da orientação sexual das figuras parentais.

A coparentalidade é considerada um subsistema independente, com mecanismos e características próprias, não se tratando de uma extensão da relação conjugal. Apresenta-se, assim, como um subsistema distinto dos processos relacionais dos subsistemas conjugal e parental (Feinberg, 2003).

1.3.1. Modelo da estrutura interna e contexto ecológico da coparentalidade de Feinberg (2003)

A coparentalidade deve ser analisada no contexto ecológico em que se encontra, considerando fatores como a fase de desenvolvimento das crianças, o sistema familiar e a sub-cultura envolvente (Lamela, 2008 citado em Lamela et al., 2010). Este conceito é descrito como um processo que tanto influencia, como é influenciado por elementos externos à relação coparental (Feinberg 2003; Feinberg et al., 2012).

O modelo de Feinberg (2003) define o subsistema coparental em cinco componentes/dimensões: a) concordância nas práticas parentais, b) divisão de responsabilidades, c) suporte/sabotagem, d) gestão conjunta das interações familiares, e) proximidade baseada na parentalidade. A primeira dimensão, refere-se à sintonia entre os cuidadores em relação a questões de educação e cuidados da criança (e.g., princípios morais, disciplina). Desafios na coordenação de práticas educativas e a existência de um clima negativo (e.g., críticas e hostilidade), podem resultar a impactos negativos para o funcionamento familiar (e.g., Grych & Fincham, 1993) e para o desenvolvimento da criança (Feinberg, 2003).

A segunda dimensão, divisão das responsabilidades, envolve a partilha de tarefas ligadas ao cuidado infantil, como a gestão das obrigações domésticas, financeiras, médicas e legais. A terceira dimensão, o suporte/sabotagem coparental, abrange a qualidade do apoio mútuo entre os cuidadores, que pode expressar-se em forma de afeto positivo, suporte emocional e respeito, ou, inversamente, através de críticas, hostilidade e culpabilização. A qualidade deste apoio tem uma ligação direta com o ajustamento tanto das crianças, como dos próprios pais, influenciando, por exemplo, a perceção de competência parental. (Feinberg, 2003).

A quarta dimensão, gestão conjunta das dinâmicas familiares, refere-se à coordenação das interações familiares, incluindo o controlo de comportamentos, os padrões de comunicação e a definição de limites, funções atribuídas ao subsistema executivo. Uma gestão eficaz reflete-se em interações caracterizadas por comunicação positiva e comportamentos apropriados. A exposição da criança ao conflito interparentais é um fator relevante na avaliação da qualidade do funcionamento familiar (Feinberg, 2003). Finalmente, a quinta dimensão, proximidade baseada na parentalidade, introduzida por Feinberg e colaboradores (2012) está relacionada com a partilha e a conexão entre os cuidadores em aspetos ligados à parentalidade, fortalecendo a relação do casal.

1.4. Relações entre o envolvimento do pai, práticas parentais e coparentalidade

Durante muitos anos, a investigação centrou-se predominantemente na dimensão quantitativa, qualitativa, ou seja, o tempo dedicado a interações diretas entre pai e filho, negligenciando a sua componente (Cabrera et al., 2000; Lamb, 2000). Nos dias de hoje, reconhece-se amplamente que é essencial considerar também a qualidade dessas interações (Cabrera et al., 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Nesta linha de pensamento, alguns autores defendem que, quando visto apenas sob uma perspetiva quantitativa, o envolvimento do pai não implica necessariamente vantagens para o desenvolvimento da criança, especialmente em casos onde esse envolvimento é marcado por interações negativas (e.g., abusos), que têm sido associadas a impactos prejudiciais para o desenvolvimento infantil (Cabrera et al., 2000; Palkovitz, 2012). No entanto, quando se consideram tanto as componentes quantitativas, como qualitativas, preveem-se efeitos positivos no desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2000; Parke, 2000).

Relativamente à relação entre o envolvimento paterno e os estilos parentais, Matejevic e colaboradores (2014) indicam que a participação do pai nas atividades escolares dos filhos, está negativamente e de forma significativa associada à adoção do estilo parental autoritário.

Lamb e colaboradores (2010) examinaram a ligação entre o envolvimento do pai e as práticas educativas parentais, enfatizando a importância do pai nas competências sociais e cognitivas da criança, na qual, destaca que o envolvimento ativo dos pais está positivamente associado a melhores resultados de desenvolvimento nas crianças, especialmente em contextos de famílias com baixos rendimentos. Os mesmos autores, sugerem a ideia de que práticas educativas positivas dos pais são cruciais para o desenvolvimento da criança, especialmente em contextos onde a mãe pode estar menos disponível.

A literatura recente destaca que o papel do pai na vida dos filhos deixou de ser apenas o de provedor e passou a incluir um envolvimento ativo em tarefas de cuidado, educação e lazer, que contribuem para um desenvolvimento equilibrado (Santos, 2024), na qual o contexto social, como a carga horária de trabalho dos pais e o ambiente familiar influenciam o tipo de práticas adotadas (Cabrera et al., 2014; Diniz et al., 2021). Diversos estudos também investigaram os fatores que podem facilitar ou inibir o envolvimento paterno (e.g., Belsky, 1984; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Estudos sobre a relação entre a qualidade da coparentalidade e o envolvimento paterno (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), mostram divergências na literatura. Por um lado, alguns investigadores (e.g., McHale et al., 2002) defendem que não existe uma associação significativa entre o envolvimento do pai e a qualidade da coparentalidade. Por outro lado, outros estudos

apontam para uma associação significativa, embora os resultados variem consoante as tarefas em que o pai está envolvido (e.g., McKinney & Renk, 2008; Simons & Conger, 2007). Por exemplo, um maior envolvimento paterno em atividades de cuidados diretos está associado a níveis mais altos de conflito entre os pais e a comportamentos que fragilizam a coparentalidade, enquanto o maior envolvimento em atividades lúdicas está ligado a comportamentos de suporte coparental (e.g., Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

No que diz respeito à associação entre a qualidade da coparentalidade e os estilos parentais, Esteves & Menezes (2010) relatam uma correlação positiva entre a qualidade da relação coparental e o estilo parental autoritativo, e uma correlação negativa com os estilos permissivo e autoritário. Uma coparentalidade positiva, caracterizada por alta cooperação e baixos níveis de conflito e triangulação, leva os pais a adotarem um estilo autoritativo. Estes efeitos parecem ser bidireccionais, com o estilo autoritativo a contribuir para uma melhor qualidade da relação coparental. Estes resultados são consistentes com as teorias existentes, que sugerem que uma coparentalidade positiva está associada à percepção de competência parental por parte dos pais e ao comportamento infantil (Feinberg, 2002).

1.5. Variáveis sociodemográficas

Vários estudos indicam relações significativas entre diversas variáveis sociodemográficas e o envolvimento parental. As habilitações literárias do pai parecem ter um papel importante na qualidade do tempo que dedicam às crianças (Palkovitz, 2012; Yeung et al., 2001). De acordo com a literatura, pais com níveis mais elevados de escolaridade tendem a ter um maior envolvimento e mais conhecimento sobre as necessidades de desenvolvimento infantil (Fuertes et al., 2016; Monteiro et al., 2017). Em estudos com amostras portuguesas, verifica-se que pais com maior escolaridade participam mais em atividades de cuidados diretos e indireto, ensino/disciplina, brincadeiras e lazer (e.g., Monteiro et al., 2008; 2010). As habilitações literárias da mãe, também, se mostram associadas ao envolvimento paterno (Cabrera et al., 2007). Estudos demonstram que quando a mãe possui um nível de escolaridade mais elevado, os pais têm tendência para participar mais em atividades de cuidado indireto e lazer (Monteiro et al., 2010).

No que diz respeito ao número de horas de trabalho do pai, tende a existir uma associação negativa e significativa com o tempo dedicado à interação com a criança (e.g., Jacobs & Kelley, 2006; Milkie et al., 2010). Quando o trabalho paterno é exaustivo ou particularmente exigente, observa-se que os pais passam mais tempo no local de trabalho e dedicam menos horas às

crianças (Hofferth & Anderson, 2003; Pleck & Masciadrelli, 2004), especialmente em atividades de cuidado direto (Monteiro et al., 2017). Por outro lado, em famílias em que a mãe tem um emprego e trabalha mais horas, observa-se frequentemente um aumento do envolvimento paterno (McBride et al., 2002). Estudos realizados em Portugal mostram que, em famílias onde ambos os pais trabalham a tempo inteiro, a mãe assume, em geral, a maior parte das responsabilidades pelos cuidados e pelo planeamento de atividades relacionadas com a criança (Monteiro, et al., 2008). Contudo, nas atividades de brincadeira e lazer, a participação dos pais tende a ser mais equitativa, sugerindo que o emprego materno, por si só, não é um fator determinante do envolvimento paterno.

Relativamente, ao rendimento familiar, um estudo que explora a relação entre rendimento familiar e envolvimento paterno é o de Yonn et al. (2021), que examina padrões de envolvimento paterno em famílias de baixo rendimento. Descobriram que o envolvimento ativo dos pais em famílias de baixo rendimento está associado a melhores resultados cognitivos e socioemocionais nas crianças, portanto, o estudo sugere que, mesmo em famílias de baixo rendimento, um envolvimento positivo e consistente do pai pode mitigar os desafios associados às condições financeiras desfavoráveis.

Um estudo relevante em Portugal (Monteiro e colaboradores, 2019), que explora a relação entre o envolvimento paterno e o rendimento familiar, revela que os pais com maiores recursos económicos e mais habilitações tendem a participar mais nas atividades de cuidados e brincadeiras com os filhos. Além disso, o tempo de trabalho da mãe é um fator importante: quando as mães trabalham mais horas, o pai tende a assumir um maior papel nos cuidados diretos. Estes resultados sublinham o impacto das condições socioeconómicas na partilha de responsabilidades familiares em Portugal.

A investigação sobre as características das crianças e o envolvimento paterno mostra que, de forma geral, os pais costumam participar mais ativamente na vida de crianças mais velhas do que nas mais novas (e.g., Pimenta et al., 2010). Essa tendência pode ser explicada pelas dificuldades enfrentadas pelos homens em se envolverem em tarefas tradicionalmente associadas às mães, particularmente nos primeiros anos de vida da criança (Wood & Repetti, 2004). Em estudos realizados em Portugal, verificou-se que a idade da criança não tem um impacto significativo na participação dos pais em atividades de socialização (Lima, 2005). No entanto, observou-se que a interação do pai em atividades de brincadeira aumenta à medida que a criança cresce, especialmente entre os 31 e 78 meses (Pimenta et al., 2010). O género da criança também parece influenciar as expectativas paternas e a sua interpretação do comportamento infantil (Jacobs & Bleeker, 2004). Algumas investigações apontam para uma

maior participação dos pais com filhos do sexo masculino, particularmente em atividades de Cuidados diretos e momentos de brincadeira (e.g., Monteiro et al., 2010). Por outro lado, há estudos, que, não encontram diferenças significativas na forma como os pais se envolvem com rapazes e raparigas (e.g., Schoppe-Sullivan et al., 2004). Assim, de uma forma geral, a literatura sugere que o sexo da criança não tem um efeito determinante sobre o nível de envolvimento paterno (e.g., Monteiro et al., 2017; Pleck & Masciadrelli, 1997).

1.6. Estratégia Analítica

Neste estudo iremos adotar uma abordagem “centrada na pessoa”. A maioria dos estudos descritos na literatura utilizam uma abordagem “centrada nas variáveis”, que oferece menos especificidade acerca dos sujeitos, dado descrever a amostra como um todo. Esta abordagem “centrada na pessoa” considera que não existe um único modelo que se ajuste à totalidade de uma amostra, mas sim que existem diversos subgrupos relativamente homogêneos que podem ser encontrados numa determinada amostra (Howard & Hoffman, 2018). Assim, temos como objetivo identificar perfis de envolvimento do pai (relativamente à mãe) em diversas atividades relacionadas com cuidados e socialização da criança, e que implicam interação direta entre pais e criança, e atividades relacionados com a gestão e organização. De seguida, procuraremos caracterizar os perfis encontrados considerando variáveis descritas na literatura como potencialmente associadas ao envolvimento do pai, adotando uma abordagem ecológica (Cabrera et al., 2014; Diniz et al., 2021), nomeadamente, variáveis relacionadas com o pai (habilitações literárias, práticas educativas parentais, considerando, ainda, as horas de trabalho); com a mãe (habilitações literárias e horas de trabalho); com a criança (idade e sexo); e com a família (relação de coparentalidade).

CAPÍTULO 2

Método

2.1. Participantes

Participaram no estudo 136 famílias nucleares, mãe e pai (a viver juntos 41.9% ou casados 58.1%), com pelo menos uma criança em idade pré-escolar. Os pais tinham idades compreendidas entre os 27 e os 59 anos ($M = 39.30$, $DP = 5.58$), e as mães entre os 25 e os 49 ($M = 37.26$, $DP = 4.72$). As habilitações literárias dos pais variavam entre os 5 e 21 anos de escolaridade ($M = 14.21$, $DP = 3.42$), e as das mães variavam entre os 4 e 21 anos de escolaridade ($M = 15.09$, $DP = 3.05$). 95.6% dos pais trabalhavam a tempo inteiro [$M_{(horas)} = 40.00$, $DP = 4.96$], estando os restantes desempregados, e 83.1% das mães trabalhavam a tempo inteiro [$M_{(horas)} = 37.32$, $DP = 5.44$]. As crianças tinham idades compreendidas entre os 27.40 meses e os 76.97 meses ($M = 50.56$, $DP = 11.37$), 57 são do sexo feminino e 89 têm irmãos. Nenhuma estava identificada como tendo necessidades educativas especiais. Todas as crianças se encontravam a frequentar Jardins-de-Infância da rede pública e da rede privada com e sem fins lucrativos do distrito de Lisboa e Almada.

2.2. Instrumentos

2.2.1 *Questionário Sociodemográfico*

A informação relativa à caracterização sociodemográfica das famílias, i.e., idade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional, horas de trabalho dos pais, rendimento familiar, idade e sexo da criança, foi obtida através de um breve questionário preenchidos pelos pais.

2.2.2. *Escala de Envolvimento Paternal*

A escala Envolvimento Paternal: Escala de Atividades de Cuidado e Socialização (Monteiro et al., 2008) foi concebida para avaliar a perceção que mães e pais têm sobre a sua participação, comparativamente à outra figura parental, na organização e realização de diversas atividades do quotidiano familiar relacionadas com a criança. Esta escala foi preenchida de forma independente por ambos os progenitores e é composta por 26 itens distribuídos por cinco

dimensões principais. A primeira dimensão, Cuidados Diretos, inclui cinco itens (e.g., “Quem alimenta o seu filho”) abordando tarefas de cuidado que envolvem interação direta com a criança. A dimensão de Cuidados Indiretos é composta por sete itens (e.g., “Quem escolheu a escola do seu filho”), focando-se nas atividades de planeamento e organização das rotinas e necessidades da criança, sem necessitar de interação direta. A dimensão Ensino/Disciplina conta com cinco itens (e.g., “Quem define as regras em casa”) e refere-se à transmissão de competências e ao estabelecimento e cumprimento de normas no ambiente doméstico familiar. A dimensão Brincadeira também contém cinco itens (e.g., “Quem brinca com o seu filho”) e abrange tanto brincadeiras calmas e mediada por objetos, como atividades de brincadeira física. Por fim, a dimensão Lazer no Exterior é composta por quatro itens (e.g., “Quem leva a criança ao parque”) e diz respeito a atividades realizadas fora de casa com a criança. Os pais respondem aos itens utilizando uma escala de tipo Likert de 5 pontos: *Sempre a mãe* (1); *Quase sempre a mãe* (2); *Tanto a mãe como o pai* (3); *Quase sempre o pai* (4); *Sempre o pai* (5), aplicável apenas à criança alvo. Desta forma, a análise do envolvimento parental é realizada de forma relativa, considerando a divisão ou partilha de responsabilidades e atividades em relação ao outro progenitor.

Através de coeficientes de correlação intra classe (ICC) verificou-se que todas as dimensões apresentam valores altos ou muito altos de concordância entre pai e mãe (ICC >.70). Assim, calculou-se um valor compósito através da média das respostas de mãe e pai, utilizado nas análises seguintes. No presente estudo os valores de alfa de *Cronbach* foram de .72 para Cuidados Diretos, .75 para Cuidados Indiretos, .81 para o Ensino/disciplina, .66 para a Brincadeira e, .78 para o Lazer no exterior.

2.2.3. Escala de Práticas Educativas Parentais

O “Modified Child Rearing Practices Questionnaire” (CEPR-Q, Rickel & Biasatti, 1982), é um instrumento de autorrelato amplamente utilizado para avaliar práticas parentais de educação dos filhos. Na adaptação portuguesa conduzida por Ribeiro e colaboradores (2021), dos 40 itens originais do questionário, quatro foram eliminados por serem considerados desadequados devido à sua relação com temas sexuais. A versão portuguesa resultante é composta por 36 itens, distribuídos por duas dimensões principais: Cuidado e Restritividade. A dimensão de Cuidado (18 itens), reflete práticas parentais que enfatizam a aceitação, carinho, suporte emocional e os comportamentos que fomentam na criança a individualidade, a autorregulação e a autoafirmação (e.g., “Eu expresso afeto abraçando, beijando e segurando o meu filho). Por

outro lado, a dimensão de Restritividade (18 itens) refere-se às práticas parentais que envolvem o controlo do comportamento infantil com base nos valores e crenças dos pais. (e.g., “Prefiro que o meu filho não tente coisas se houver possibilidade de falhar”). Os pais respondem aos itens do CEPR-Q usando uma escala de Likert de 6 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). Pontuações mais elevadas em cada subescala indicam que os pais percebem maior nível de cuidado e partilha de afeto ou, alternativamente, um maior grau de controlo sobre o comportamento dos filhos, nas suas práticas parentais. Neste estudo os alfas de *Cronbach* foram de .80 para Cuidado e .80 para Restritividade.

2.2.4. Escala da Relação Coparental (ERC)

A “Escala da Relação Coparental” é uma medida de autorrelato utilizada para avaliar a coparentalidade (Feinberg et al., 2012; Costa et al., 2020). Esta escala permite examinar a percepção que o pai ou a mãe têm do apoio e da coordenação de ambos, na educação do/a seu/sua filho/a. Na validação de Costa e colaboradores (2020) em amostras portuguesas, dos 35 itens originais, 31 foram mantidos, excluindo-se os itens relacionados com a dimensão Divisão de Tarefas (itens 5 e 20) e dois itens (itens 13 e 28) das escalas de sabotagem e proximidade parental, devido a valores baixos de carga fatorial. Neste estudo serão utilizadas apenas as escalas de Suporte coparental (6 itens) e Sabotagem (6 itens). A escala de Suporte Coparental avalia o grau de suporte mútuo entre os pais, manifestado através da valorização das competências de um deles no papel parental do outro (e.g., “O/A meu/minha companheiro/a faz-me sentir o/a melhor pai/mãe possível para o nosso filho”). A escala de Sabotagem mede o grau de sabotagem mútua, evidenciada por comportamentos depreciativos ou hostis com o objetivo de culpar o outro (e.g., “O/A meu/minha companheiro/a não confia nas minhas capacidades enquanto pai/mãe”). Os pais respondem numa escala de tipo Likert de 7 pontos (0 = Não é verdadeiro sobre nós - 6 = Muito verdadeiro sobre nós). Neste estudo os valores de alfa de *Cronbach* foram de .84 para a escala de Suporte Coparental e de .78 para a escala de Sabotagem.

2.3. Procedimento

O presente estudo insere-se num projeto mais amplo sobre o papel do pai e as suas implicações para o desenvolvimento socioemocional da criança. O projeto segue as indicações éticas da Ordem dos Psicólogos Portugueses e da American Psychological Association, tendo sido

aprovado pela Comissão de Ética do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Foram contactadas diversas escolas da rede privada com e sem fins lucrativos e da rede pública de ensino, procedendo-se ao envio por e-mail, de pedidos de reunião com vista a explicar o projeto. Após a reunião nas escolas que acederam ao pedido, procedeu-se à entrega do consentimento dirigido à direção das escolas e posteriormente, às educadoras, para consentirem a sua participação no estudo. Após a receção dos consentimentos, foi feita a distribuição dos consentimentos e questionários sociodemográficos, entregues por sala, a cada educadora responsável, dentro de envelopes destinados aos pais de cada criança, com o pedido de serem devolvidos em envelope fechado. Em seguida, procedeu-se à recolha dos consentimentos, e à criação de códigos para cada criança, cujos pais aceitaram participar no projeto, procurando assegurar a confidencialidade e posteriormente garantir a anonimização dos dados. A entrega e recolha dos questionários aos progenitores foi feita em dois momentos separados (primeiro a mãe ou o pai, e em seguida o oposto). Ambas as figuras parentais preencheram o questionário sobre o envolvimento parental, e o pai reportou as suas práticas educativas parentais e sua percepção da relação de coparentalidade.

2.4. Estratégia Analítica

Num primeiro momento, foram realizadas análises descritivas e correlacionais das variáveis em estudo, com recurso ao *software IBM SPSS* (versão 29). Em seguida, e com o objetivo de identificar perfis de envolvimento paterno, relativamente à mãe nas atividades de Cuidados diretos, Ensino/Disciplina e Brincadeira e nos Cuidados indiretos, a Gestão e Organização de atividades relacionados com a criança, realizou-se uma análise de agrupamento (*cluster*), tendo como *input* as variáveis compósitas Cuidados Diretos, Cuidados Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira, Lazer no Exterior. Utilizou-se, num primeiro momento um método hierárquico, usando o quadrado da distância euclidiana como medida de distância e como critério de aglomeração o método de *Ward*, que permitiu identificar a pertinência de uma solução com 2 *clusters*, tendo, posteriormente, sido feita a classificação com base num método de otimização (K-médias). Por fim, descreveram-se e caracterizaram-se os perfis encontrados de acordo com as variáveis em estudo.

CAPÍTULO 3

Resultados

3.1. Análise Descritiva

Como se pode observar na Tabela 1, os resultados indicam que nesta amostra, em média, no que se refere ao envolvimento do pai, a percepção é de que existe uma participação ligeiramente menor da participação do pai em relação à mãe nas atividades de cuidados diretos e indiretos e tendencialmente igualitária nas atividades de ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior, dada a proximidade dos valores médios registados ao ponto central da escala. Quanto às práticas educativas parentais os pais reportam em média uma tendência maior para práticas de cuidado em relação às práticas restritivas, na educação dos seus filhos. Na dimensão de suporte coparental os pais reportam, em média, um nível relativamente elevado de apoio e coordenação de ambos aos pais em relação à educação da criança. Já na dimensão de sabotagem coparental os pais obtiveram uma pontuação média muito próxima de zero, o que indicia baixos conflitos entre os pais em relação à educação da criança.

Tabela 1

Valores mínimos e máximos, médias e desvios padrão do envolvimento paterno, práticas educativas parentais e coparentalidade

	Mín.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>
Envolvimento Paterno				
Cuidados Diretos	1.00	4.20	2.67	.51
Cuidados Indiretos	1.00	4.00	2.43	.47
Ensino/Disciplina	1.20	4.40	2.92	.37
Brincadeira	1.50	4.80	3.10	.36
Lazer no Exterior	1.00	4.50	2.96	.45
Práticas Educativas Parentais (Pai)				
Cuidado	3.50	6.00	5.27	.42
Restritividade	2.22	5.33	3.60	.65
Coparentalidade (Pai)				

Suporte Coparental	2.00	6.00	4.88	1.02
Sabotagem Coparental	.00	4.17	.80	.97

3.2. Correlações entre o Envolvimento do Pai, Práticas Parentais, Coparentalidade e Sociodemográficos

Na Tabela 2 são apresentadas as correlações de Pearson entre as variáveis sociodemográficas, do envolvimento paterno, das práticas educativas parentais e da coparentalidade.

Como podemos verificar, a idade da criança está negativa e significativamente correlacionada com a dimensão de envolvimento ensino/disciplina, ou seja, quanto mais velha a criança menor tende a ser o envolvimento no ensino/disciplina do pai. A idade da mãe está negativa e significativamente correlacionada com o suporte coparental, assim quanto mais idade da mãe, menor é a sua percepção de suporte em relação ao pai. As habilitações literárias da mãe e do pai estão negativa e significativamente correlacionadas com as práticas educativas de restritividade. Nesta amostra, cuidadores com habilitações literárias mais elevadas reportam menos práticas restritivas. Relativamente às horas de trabalho da mãe, estas estão positiva e significativamente correlacionadas com o envolvimento parental no ensino/disciplina e, negativa e significativamente correlacionadas com a dimensão de sabotagem coparental. Assim, nas famílias onde as mães trabalham mais horas, os pais estão mais envolvidos no ensino/disciplina e percebem menos sabotagem coparental. Finalmente, o rendimento familiar está negativa e significativamente correlacionado com as práticas de cuidado e restritividade, ou seja, famílias onde o rendimento é mais elevado os pais reportam menos práticas de cuidado e de restritividade.

Relativamente ao envolvimento paterno, as dimensões de cuidado, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior, estão positiva e significativamente correlacionadas entre si, ou seja, quanto mais envolvidos nos cuidados, mais envolvidos na socialização. O envolvimento nos cuidados diretos está negativa e significativamente correlacionado com as práticas de restritividade, isto é, quanto mais envolvidos os pais nos cuidados diretos menores práticas restritivas apresentam. O ensino/disciplina e o lazer no exterior estão positiva e significativamente correlacionados com as práticas de cuidado. Assim, quanto mais os pais estão envolvidos no ensino/disciplina e no lazer no exterior, mais práticas educativas de cuidado reportam. O ensino/disciplina encontra-se, ainda, negativa e significativamente correlacionado

com a sabotagem coparental, isto é, pais mais envolvidos nas atividades de ensino/disciplina percebem baixa sabotagem coparental da parte da mãe.

As práticas de cuidado do pai estão positiva e significativamente correlacionadas com o suporte coparental e negativa e significativamente correlacionadas com a sabotagem coparental. Contrariamente, as práticas restritivas estão positiva e significativamente correlacionadas com a sabotagem coparental, assim, pais que reportam maiores práticas de cuidado dão mais suporte coparental e pais que apresentam maiores práticas restritivas reportam maior sabotagem coparental por parte da mãe.

Finalmente, na coparentalidade, o suporte e sabotagem coparental estão negativa e significativamente correlacionadas entre si, ou seja, quanto mais os pais percebem suporte na relação coparental, menos reportam padrões de sabotagem.

Tabela 2

Correlações entre as variáveis sociodemográficas, as dimensões do envolvimento paterno, as dimensões das práticas educativas e as dimensões da coparentalidade (N = 136)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1. Idade da Criança	-																	
2. Sexo da Criança (1 = Feminino)	.03	-																
3. Idade da Mãe	.34**	.18*	-															
4. Idade do Pai	.27**	.03	.73**	-														
5. Habilitações da Mãe (anos)	.22**	.05	.35**	.22**	-													
6. Habilitações do Pai (anos)	.24**	.10	.43**	.28**	.61**	-												
7. Horas de Trabalho da Mãe	-.10	-.12	-.02	-.01	.19*	.07	-											
8. Horas de Trabalho do Pai	-.05	.02	.10	.04	.18*	.05	.19*	-										
9. Rendimento Familiar	.22*	.09	.14	.06	.28**	.36**	-.01	.12	-									
10. Envolvimento Paterno: Cuidados Diretos	-.08	-.16	-.08	-.04	.02	.06	.25**	-.11	.00	-								
11. Envolvimento Paterno: Cuidados Indiretos	-.15	.00	-.01	.10	.04	-.06	.05	-.07	.04	.56**	-							
12. Envolvimento Paterno: Ensino/Disciplina	-.19*	-.08	-.13	.01	.01	.01	.19*	-.07	-.06	.58**	.54**	-						
13. Envolvimento Paterno: Brincadeira	.01	-.03	-.03	-.02	-.05	.10	.05	-.07	.04	.52**	.43**	.54**	-					
14. Envolvimento Paterno: Lazer no Exterior	-.04	-.01	-.02	.09	-.06	-.05	.02	-.07	-.08	.57**	.58**	.58**	.66*	-				
15. Práticas Educativas: Cuidado	-.03	.06	-.10	-.00	.04	-.04	.14	-.14	-.26**	.15	.12	.20*	.11	.18*	-			
16. Práticas Educativas: Restritividade	.07	.02	.11	-.16	-.21*	-.26**	-.07	-.02	-.22*	-.20*	-.17	-.15	-.07	-.06	-.07	-		
17. Coparentalidade: Suporte Coparental	-.08	.10	-.26**	-.16	-.10	-.14	-.00	.16	-.06	.07	.09	.00	-.02	.12	.31**	-.07	-	
18. Coparentalidade: Sabotagem Coparental	.07	-.01	.13	.11	-.00	.05	-.19*	.11	.12	-.15	-.03	-.19*	.05	.06	-.41**	.26**	-.40**	-

Nota: ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$

3.3. Perfis de Envolvimento Paterno

A análise de clusters, tendo como *input* as variáveis Cuidados Diretos, Cuidados Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira, Lazer no Exterior permitiu encontrar diferentes perfis de envolvimento paterno, que, posteriormente, e para a sua caracterização, foram cruzados com as variáveis sociodemográficas, bem como com as variáveis da escala de práticas educativas e de coparentalidade.

A análise de clusters efetuada revelou a pertinência de uma solução com 2 grupos distintos, cujos perfis se podem observar na Tabela 3. Como se constata, em ambos os casos, estamos perante valores médios relativamente baixos em todas as dimensões, na maioria abaixo do 3, o que revela perfis de menor envolvimento em relação à mãe, sendo, nas dimensões relativas aos cuidados diretos e indiretos onde residem as maiores diferenças entre os dois perfis.

O Perfil 1 ($n = 50$) corresponde a um grupo de pais que apresentam médias baixas no envolvimento nos cuidados diretos e indiretos, apontando para um pai mais auxiliar do que cuidador, e mais envolvido com o ensino/disciplina e enquanto parceiro de brincadeira e lazer no exterior, em relação à mãe

No Perfil 2 ($n = 86$), que é o predominante na amostra, encontramos um grupo de pais onde os valores médios de envolvimento nas várias dimensões são todos eles mais próximos entre si e mais elevados do que os do grupo anterior, o que remete para um perfil de pai mais cuidador e parceiro da brincadeira e lazer no exterior, por comparação com o Perfil 1, ou seja, o Perfil 2 apresenta-se como mais próximo da mãe quanto ao seu envolvimento e parceiro de brincadeira quanto a mãe.

Tabela 3

Caracterização dos perfis de envolvimento paterno nas atividades de cuidado, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior

	Perfil 1: Pai auxiliar nos cuidados e parceiro de brincadeira e lazer (n = 50)		Perfil 2: Pai cuidador e parceiro de brincadeira e lazer (n = 86)	
	M	DP	M	DP
Envolvimento Paterno				
Cuidados Diretos	2.20	.38	2.95	.36
Cuidados Indiretos	2.05	.37	2.66	.37
Ensino/Disciplina	2.68	.41	3.06	.27
Brincadeira	2.92	.40	3.20	.30
Lazer no Exterior	2.67	.44	3.13	.38

Na tabela 4, é apresentada a caracterização dos dois perfis relativamente às variáveis sociodemográficas, práticas parentais e coparentalidade. Os pais no Perfil 1, correspondem a um grupo de pais com crianças ligeiramente mais velhas e com percentagem praticamente idêntica no sexo da criança (52% pertencem ao sexo feminino e 48% ao sexo masculino). No Perfil 2 existe uma percentagem maior do sexo masculino das crianças (64% por comparação a 36% do sexo feminino). O Perfil 1 apresenta habilitações académicas inferiores (de ambos) ao Perfil 2 e as idades dos progenitores no Perfil 1 e 2 são muito semelhantes.

Uma vez que as médias do rendimento familiar nos dois perfis têm pouca representatividade, devido aos altos valores do desvio padrão, procedeu-se à análise da mediana que reflete melhor as diferenças entre os dois grupos. Sendo assim, o Perfil 1 ($Mdn = 2055$) apresenta valores inferiores no rendimento familiar, em relação ao Perfil 2 ($Mdn = 2750$), ou seja, 50% das famílias do Perfil 1 tem rendimentos que são, no máximo, de 2055€, enquanto no Perfil 2 o valor é um pouco mais elevado (50% tem rendimentos até 2750€).

As mães do Perfil 1 trabalham, em média, menos horas do que as do Perfil 2, ao contrário do que acontece com os pais, sendo os do Perfil 1 que trabalham mais horas.

Na relação dos perfis com as dimensões da escala de Práticas Parentais, verifica-se que os pais pertencentes ao Perfil 1 reportam valores ligeiramente inferiores nas suas práticas de cuidado, afeto e partilha de sentimentos e valores ligeiramente superiores nas práticas de restritividade, por comparação ao Perfil 2.

Por último, a comparação dos perfis supramencionados com as dimensões da escala de Coparentalidade, verifica-se que os pais pertencentes ao Perfil 1 reportam valores inferiores ao

nível do suporte coparental e valores superiores na dimensão de sabotagem (i.e., maiores padrões de depreciação ou hostilidade por parte a mãe), por comparação ao perfil 2.

Tabela 4

Caracterização dos perfis de envolvimento paterno com base nos sociodemográficas, nas práticas educativas parentais e na relação coparental

	1: Pai auxiliar nos cuidados e parceiro de brincadeira e lazer (n = 50)		2: Pai cuidador e parceiro de brincadeira e lazer (n = 86)	
	M	DP	M	DP
Variáveis Sociodemográficas				
Idade da Criança	51.06	13.09	50.28	10.30
Idade da Mãe	37.20	5.14	37.30	4.50
Idade do Pai	39.12	6.13	39.41	5.27
Habilitações da Mãe (anos)	14.54	3.09	15.41	3.00
Habilitações do Pai (anos)	13.94	3.55	14.37	3.35
Horas de Trabalho da Mãe	30.90	14.02	36.71	8.33
Horas de Trabalho do Pai	39.69	9.40	38.79	6.50
Rendimento Familiar	3742.92	5283.74	3396.33	2997.58
Práticas Educativas Parentais (Pai)				
Cuidado	5.12	.47	5.36	.36
Restritividade	3.85	.62	3.46	.63
Coparentalidade (Pai)				
Suporte Coparental	4.57	1.07	5.06	.95
Sabotagem Coparental	1.11	1.14	.63	.81

CAPÍTULO 4

Discussão

O envolvimento do pai tem emergido nas últimas décadas como um fator relevante no bem-estar familiar e no desenvolvimento saudável da criança (Cabrera et al., 2014, 2018). No entanto, os trajetos do envolvimento paterno são variados e influenciados por uma complexa interrelação de variáveis individuais, sociais, culturais e ecológicas que, ainda, necessitam de uma integração sistêmica (Cabrera et al., 2018) e múltiplas questões permanecem em aberto sobre o que explica um maior ou menor envolvimento do pai (Diniz et al., 2021).

Integrado neste esforço, o presente estudo procurou, numa amostra de pais portuguesa, identificar diferentes perfis de envolvimento, relativamente à mãe, em termos da sua participação nas atividades de cuidados diretos e indiretos, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior. Os resultados deste estudo fornecem evidências que complementam a literatura existente sobre o envolvimento paterno especificamente, verificando-se diferenças significativas entre os dois perfis indentificados no que toca ao grau de envolvimento do pai nas diversas dimensões parentais (Cabrera et al., 2014; Diniz et al., 2021; Howard & Hoffman, 2018).

Das análises realizadas emergiram dois perfis de pais, nomeadamente, o Perfil 1 – *Pai auxiliar nos cuidados e parceiro de brincadeira e lazer no exterior*, que caracteriza-se por um pai com menor envolvimento em cuidados diretos e indiretos, i.e., participa/apoia a mãe nas tarefas dos cuidados, mas não as partilham, embora mais envolvido em atividades lúdicas e de ensino/disciplina. Este perfil alinha-se com o papel do “pai como brincalhão” frequentemente descrito na literatura (Lam & Lewis, 2010). Já o Perfil 2 – *Pai cuidador e parceiro de brincadeira e lazer no exterior*, que é predominante na amostra, revela um pai mais equilibrado entre os diferentes tipos de envolvimento e partilha de tarefas, sendo um parceiro mais ativo nas várias dimensões de cuidado e ensino, confirmando os resultados de estudos prévios (Monteiro et al., 2019; Santos, 2023). A predominância deste perfil no estudo demonstra como o envolvimento paterno tem evoluído nas últimas décadas, partindo de um papel mais tradicional e auxiliar (como sugerido pelo Perfil 1) para um envolvimento mais partilhado e equilibrado (Perfil 2). A literatura destaca que essa transição está relacionada com mudanças sociais e culturais que incentivam a participação dos pais nas tarefas de cuidado e educação dos filhos (Cabrera et al., 2014).

Explorou-se de seguida, as diferenças entre os perfis, relativamente às características sociodemográficas da criança, pai e mãe, às práticas parentais do pai e às dimensões da relação coparental na perspetiva do pai. Relativamente às variáveis sociodemográficas encontraram-se diferenças entre os perfis de envolvimento paterno ao nível da idade e sexo da criança, na qual o Perfil 1 que apresenta uma proporção de crianças mais velhas é caracterizado por um menor envolvimento nos cuidados diretos e indiretos, enquanto o Perfil 2 apresenta maior presença de crianças mais novas e uma maior percentagem de crianças do sexo masculino, revela um envolvimento mais equilibrado. Estes resultados sugerem que pais de crianças mais novas tendem a estar mais envolvidos, o que vai de encontro com a literatura que indica maior envolvimento paterno em crianças mais novas e uma preferência pela interação lúdica (Lima et al., 2009; Monteiro et al., 2010). Ao nível das habilitações literárias e rendimento familiar, o Perfil 1 está associado a pais com habilitações académicas mais baixas e rendimentos mais elevados. Isto poderá indicar uma divisão mais tradicional de papéis, onde o pai assume o papel de provedor económico, resultando num menor envolvimento nas tarefas de cuidados diretos e maior participação em atividades como ensino/disciplina e lazer. Por sua vez, no Perfil 2, os pais apresentam habilitações literárias mais elevadas, o que pode contribuir para um maior entendimento das necessidades de desenvolvimento da criança e, consequentemente, para um envolvimento mais ativo e equilibrado (Monteiro et al., 2017; Pleck, 2010). Ainda referentes às variáveis sociodemográficas, encontramos diferenças significativas no que se refere às horas de trabalho da mãe. Os pais do Perfil 1 trabalham mais horas do que as mães, enquanto que no Perfil 2 as diferenças entre as horas de trabalho dos progenitores são menores. No perfil 1, esta disparidade entre as horas de trabalho pode explicar o menor envolvimento nas atividades de cuidados diretos, dado que o tempo disponível para estas tarefas é reduzido. Este padrão está em consonância com estudos que indicam que pais que trabalham mais tendem a estar menos envolvidos nos cuidados diretos (Monteiro et al., 2017).

Olhando para a relação entre os perfis encontrados e as práticas parentis, o Perfil 1 reporta menores pontuações nas práticas de cuidado e maiores práticas restritivas, o que sugere que estes pais, além de estarem menos envolvidos nas tarefas de cuidados diários, tendem a adotar práticas parentais mais controladoras e menos afetuosas. Esta tendência pode estar relacionada com crenças mais tradicionais sobre o papel do pai na família (Matejevic et al., 2014). Em contraste, o Perfil 2 revela pais que adotam maiores práticas de cuidados e menores práticas restritivas, alinhando-se com estilos parentais autoritativos, que combinam controlo com sensibilidade e suporte emocional (Baumrind, 1991; Diniz et al., 2023).

Os resultados deste estudo também evidenciaram uma associação entre as dimensões da Coparentalidade e o envolvimento do pai. Neste sentido, o Perfil 1 apresenta menores níveis de suporte coparental e maiores níveis de sabotagem coparental, sugerindo uma maior prevalência de conflitos e desentendimentos entre os pais. Esta menor cooperação entre os progenitores pode influenciar negativamente o envolvimento do pai nas tarefas de cuidado e na participação ativa na vida da criança (Feinberg, 2003; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). Já o Perfil 2 apresenta maior suporte coparental e menores níveis de sabotagem, o que indica uma relação coparental mais colaborativa e harmoniosa, favorecendo um maior envolvimento do pai em todas as dimensões parentais (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010).

4.1. Limitações e contribuições para estudos futuros

É importante identificar e refletir sobre algumas limitações do estudo. A amostra é de conveniência, refletindo pouca diversidade cultural e socioeconômicas, e de outras tipologias familiares para além da nuclear (mãe e pai). Os instrumentos de medida utilizados foram baseados em autorrelatos dos pais, através de questionários, o que pode introduzir viés de desejabilidade social, isto é, os participantes podem ter respondido de forma a apresentar-se de maneira mais positiva ou a minimizar certos comportamentos (Vesely & Klokner, 2020). Estudos futuros poderiam incluir observações diretas ou relatos de terceiros (Educadores, por exemplo) para complementar os dados, uma vez que estas medidas são apontadas como a melhor abordagem para o estudo dos processos subjacentes aos padrões sociais e afetivos de interação entre pai-criança (Parke, 2000).

Alguns variáveis contextuais importantes, como por exemplo, os fatores de stress financeiro, não foram exploradas. Estas variáveis podem influenciar o envolvimento paterno nomeadamente, restrições de tempo, reduzindo o envolvimento nas atividades diárias de forma significativas (Cabrera et al., 2014).

Ainda como contribuições para estudos futuros, um acompanhamento longitudinal das famílias seria útil para explorar como o envolvimento paterno evolui à medida que a criança cresce, especialmente durante a transição para a idade escolar e adolescência. Isso ajudaria a esclarecer como o papel do pai nas diversas dimensões (cuidados, ensino/disciplina, brincadeira e lazer no exterior) influencia o desenvolvimento a longo prazo, na medida em que ajuda a identificar o impacto do envolvimento dos pais em áreas como desenvolvimento social, habilidades cognitivas e comportamentais das crianças em idades específicas e em momentos de transição, como o início da adolescência (Hay et al., 2021).

Referências Bibliográficas

- Aboim, S., Wall, K., & Cunha, V. (2010). A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades. *Gênero, família e mudança em Portugal. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE)*, 39-66.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1967). Childcare practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1-103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (1991). *Parental styles and adolescent development*. In R. Lerner, A. C. Petersen, & J. BrooksGunn (Eds.), *The encyclopaedia on adolescence* (pp. 746758). Garland.
- Bossardi, C. N. (2015). Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: *Relações com os sistemas parental e conjugal* (Tese de doutorado). Retirada <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135279>
- Buckley, C. K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships*, 17(3), 413-431. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01287.x>
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Developmental Science*, 11(4), 185-189. <https://doi.org/10.1080/10888690701762027>
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336-354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>
- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers are parents, too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child Development Perspectives*, 12(3), 152-157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-489. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dette-Hagenmeyer, D. E., Erzinger, A. B., & Reichle, B. (2014). The changing role of the father in the family. *European Journal of Developmental Psychology*, 11(2), 129-135. <https://doi.org/10.1080/17405629.2014.883313>
- Diniz, E., Brandão, T., Monteiro, L., & Verissimo, M. (2021). Father involvement during early childhood: A systematic review of the literature. *Journal of Family Theory & Review*, 13(1), 77-99. <https://doi.org/10.1111/jftr.12410>
- Diniz, E., Monteiro, L., & Verissimo, M. (2023). Work Gains and Strains on Father Involvement: The Mediating Role of Parenting Styles. *Children*, 10(8), 1357. <https://doi.org/10.3390/children10081357>
- Ducharne, M. A., Cruz, O., Marinho, S. & Grande, C. (2006). *Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)*. Psicologia e Educação, Vol. V, nº1, 63-5.

- Esteves, A. S., & de Menezes, C. (2010). *Estilos parentais e coparentalidade: um estudo exploratório com casais portugueses* (Doctoral dissertation). <http://hdl.handle.net/10451/2440>
- Fagan, J., & Palkovitz, R. (2011). Coparenting and relationship quality effects on father engagement: Variations by residence, romance. *Journal of Marriage and Family*, 73(3), 637-653. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2011.00834.x>
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical child and family psychology review*, 5, 173-195. <https://doi.org/10.1023/A:1019695015110>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: science and practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting*, 12(1), 1-21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Fuertes, M., Faria, A., Beeghly, M., & Lopes-dos-Santos, P. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a Portuguese sample. *Journal of Family Psychology*, 30, 147-156. <https://doi.org/10.1037/fam0000139>
- Gaspar, T. & Matos, M. G. (2016). *Escala de avaliação das práticas parentais: controlo e aceitação*. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 7,1-2, 509-522.
- Gomes, M. I. M. (2010). *(Des) complexificando os estilos parentais: com pais casados e pais divorciados-separados* (Doctoral dissertation). <http://hdl.handle.net/10451/2499>
- Hay, D. F., Paine, A. L., Perra, O., Cook, K. V., Hashmi, S., Robinson, C. & Slade, R. (2021). Prosocial and aggressive behavior: A longitudinal study. *Monographs of the society for research in child development*, 86(2), 7-103. <https://doi.org/10.1111/mono.12427>
- Hofferth, S. L., & Anderson, K. G. (2003). Are all dads equal? Biology versus marriage as a basis for paternal investment. *Journal of marriage and family*, 65(1), 213-232. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00213.x>
- Howard, M. C., & Hoffman, M. E. (2018). Variable-centered, person-centered, and personspecific approaches: Where theory meets the method. *Organizational Research Methods*, 21(4), 846-876. <https://doi.org/10.1177/1094428117744021>
- Jacobs, J. E., & Bleeker, M. M. (2004). Girls' and boys' developing interests in math and science: Do parents matter? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 106, 5-21. <https://doi.org/10.1002/cd.113>
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 4(1). <https://doi.org/10.3149/fth.0401.23>
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106. <https://doi.org/10.1037/a0020802>
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & family review*, 29(2-3), 23-42. https://doi.org/10.1300/J002v29n02_03
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. *The role of the father in child development*, 5(94), 153.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the Father: An Introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the Father in Child Development* (4th ed.) (1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). Academic Press.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15, 205-216.
- Leal, I. M. P., Tasker, F., Garcia, I. Q., & Costa, P. A. (2020). Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) em uma amostra comunitária de pais e mães portugueses. *PSICOLOGIA*, 34(1), 236-248. [https://doi: 10.14417/ap.1688](https://doi.org/10.14417/ap.1688)
- Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2009). *O envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos: Uma abordagem intergeracional*. Repositorio-aberto.up.pt
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parentchild interaction. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington, *Handbook of child psychology: Vol. 4, Socialization, personality, and social development (4th Edition)* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Matejevic, M., Jovanovic, D., & Jovanovic, M. (2014). Parenting style, involvement of parents in school activities and adolescents' academic achievement. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 128, 288-293. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.03.158>
- McBride, B. A., Schoppe, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of marriage and family*, 64(4), 998-1011. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00998.x>
- McConnell, M. C., & Kerig, P. K. (2002). Assessing coparenting in families of school-age children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 34(1), 44. [https://doi : 10.1037/h0087154](https://doi.org/10.1037/h0087154)
- McHale, J. P., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed.) (pp. 75-107). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- McMunn, A., Martin, P., Kelly, Y., & Sacker, A. (2017). Fathers' involvement: Correlates and consequences for child socioemotional behavior in the United Kingdom. *Journal of Family Issues*, 38(8), 1109-1131. <https://doi.org/10.1177/0192513X15622415>
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of family Issues*, 29(6), 806-827. <https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>
- Milkie, M. A., Kendig, S. M., Nomaguchi, K. M., & Denny, K. E. (2010). Time with children, children's well-being, and work-family balance among employed parents. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1329-1343. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00768.x>
- Monteiro, L., Veríssimo, M., & Pessoa e Costa, I. (2008). Escala envolvimento parental: actividades de cuidados e de socialização. *Unpublished manual*). Lisboa, Portugal: ISPA-Instituto Universitário.
- Monteiro, L., Verissimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança.

Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, 44(1), 120-130.

- Monteiro, L., Torres, N., Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesa. O papel das crenças parentais. *ISCTE-IUL Repositório Institucional*. Doi: <http://dx.doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5>
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families. The role of education and working hours. *Análise Psicológica*, 35(4), 513-528.
- Palkovitz, R. (2012). Involved fathering and child development: Advancing our understanding of good fathering. In *Handbook of father involvement* (pp. 134-155). Routledge.
- Parke, R. D. (2000). Father Involvement. *Marriage & Family*, 29(2,3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_04.
- Park, S., Barnett, M. A., & Mastergeorge, A. M. (2024). Dual trajectories of supportive coparenting and father involvement: Parental predictors and influences. *Family Relations*. <https://doi.org/10.1111/fare.13085>
- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação portuguesa do questionário de coparentalidade: análise fatorial confirmatória e estudos de validade e fiabilidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 116-125. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528113>
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28(4), 565-580.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). John Wiley & Sons, Inc.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. *The role of the father in child development*, 3, 66-103.
- Ribeiro, O., Guedes, M., Veríssimo, M., Rubin, K., & Santos, A. J. (2021). Multidimensional Factor Structure of the Modified Child Rearing Practices Report questionnaire (CRPR-Q) in a sample of Portuguese mothers: A bifactor approach. *Análise Psicológica*, 39(2), 299-311. <https://doi.org/10.14417/ap.1688>
- Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between families? *European Journal of Psychology of Education*, 24, 33-47. <https://doi.org/10.1007/BF03173473>
- Santos, A. C. V. dos (2023). Paternal involvement: Contexts and quality: Its implications for the quality of children's socio-emotional adjustment [Tese de doutoramento, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/31384>
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). *Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência*. Libro de Actas Do XI Congresso International Galego-Português de Psicopedagogia, 4071-4083.
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M. H. R. (2004). Unidimensional Versus Multidimensional Perspectives on Father Involvement. *Fathering: A Journal of Theory, Research & Practice about Men as Fathers*, 2(2). <https://doi.org/10.3149/fth.0202.147>
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of family issues*, 28(2), 212-241. <https://doi.org/10.1177/0192513X06294593>
- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of adult development*, 11, 165-178. <https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b>

- Vesely, S., & Klöckner, C. A. (2020). Social desirability in environmental psychology research: Three meta-analyses. *Frontiers in psychology*, 11, 1395. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01395>
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L. B., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). Livro branco. Homens e igualdade de género em Portugal. <http://hdl.handle.net/10451/26649>
- Wood, J. J., & Repetti, R. L. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 237. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.237>
- Yaffe, Y. (2020). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Curr Psychol* 42, 16011–16024. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 136-154. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x>
- Yoon, S., Kim, M., Yang, J., Lee, J. Y., Latelle, A., Wang, J., & Schoppe-Sullivan, S. (2021). Patterns of father involvement and child development among families with low income. *Children*, 8(12), 1164. <https://doi.org/10.3390/children8121164>